



CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

LUCIENE DE OLIVEIRA

**INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:
elemento chave do processo de ensino-aprendizagem**

GUARABIRA / PB
2010

LUCIENE DE OLIVEIRA

**INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO:
elemento chave do processo de ensino-aprendizagem**

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de licenciada em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, no Departamento de Letras e Educação.

Orientadora: Professora Ms. Stella Marcia de Moraes
Santiago

GUARABIRA / PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

O48i

Oliveira, Luciene de.

Interação professor-aluno [manuscrito]: elemento chave do processo de ensino-aprendizagem/ Luciene de Oliveira. – 2010.

44 f. il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras e Artes) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2010.

“Orientação: Profa. Ma. Stella Márcia de Moraes Santiago, Departamento de Letras e Artes”.

1. Relação Professor-aluno. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 371.102

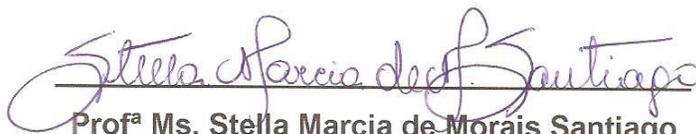
LUCIENE DE OLIVEIRA

INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: ELEMENTO CHAVE DO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM

(TIPO: Artigo)

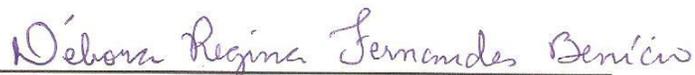
Aprovada em 14/12/2010

BANCA EXAMINADORA



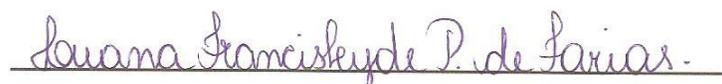
Prof^a Ms. Stella Marcia de Moraes Santiago

Orientadora (UEPB)



Prof^a Ms. Débora Regina Fernandes Benício

Examinador 1 (UEPB)



Prof^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias

Examinador 2 (UEPB)

INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: elemento chave do processo de ensino-aprendizagem

Luciene de Oliveira

Prof.^a Ms. Stella Marcia de Morais Santiago (UEPB – Orientadora)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo suscitar discussões sobre a interação professor-aluno como elemento de fundamental importância do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, para isso, discute os aspectos tangente ao processo, como: a autoridade do/a educador/a versus o autoritarismo ainda aplicado por alguns/mas; necessidade de contemplar à realidade do/a educando/a e de considerar as influências dessa na sua aprendizagem; menciona ainda, o imprescindível investimento contínuo por parte do/a educador/a em sua formação; conclui trazendo à tona a presença importante da relação dialógica no processo de ensino-aprendizagem dos/as educandos/as. Nosso trabalho baseia-se nos estudos realizados por Zabala (1998), Freire (2008, 2009), Haydt (2006), entre outros, que discutem questões relacionadas a interação na sala de aula e as possíveis implicações no processo de aprendizagem.

Palavras – Chave: Educação. Interação professor-aluno. Processo de ensino-aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

A educação é um campo por demais vasto, rico, e aqui não nos caberia senão selecionar um item de discussão desse amplo espaço de construção e conhecimento. Dessa forma, debruçaremos nosso olhar sobre as questões da *interação professor-aluno e sua relação direta com o ato de aprender*, pois acreditamos que o interagir entre estes dois atores do espaço educacional está diretamente relacionado à aprendizagem que se dá através das possibilidades

construídas em contexto, por educadores/as e educandos/as, para o seu desenvolvimento.

Considerando o ato de aprender como uma troca constante entre educadores/as e educandos/as, permeado nas relações interpessoais desses e de outros sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, traçaremos aqui uma discussão que aponta para a necessidade de enfrentamento dos desafios do dia-a-dia escolar.

2. EDUCAÇÃO BANCÁRIA: NÃO MAIS!

Paulo Freire (2009) nos comunica de forma clara e sem medo que a educação pautada no professor como senhor da razão e detentor do conhecimento não tem mais lugar na sociedade que habitamos. Esse modelo de educação em que o/a educando/a não tem vez nem voz, estando ali apenas para responder da forma que dele/a é esperado chama-se *educação bancária*.

Não podemos usar o ensino bancário como forma de direcionar o aprendizado. Alguns/mas educadores/as ainda agem de forma a só “depositarem” conhecimentos nos/as seus/suas alunos/as, para que estes/as entendam e respondam apenas por terem decorado, porém, sem haver compreensão, base de ação e reflexão do conteúdo ao ponto de fazer sentido aos educandos. Assim, os/as alunos/as terminam por só memorizar, não se envolvem no seu próprio processo de aprendizagem e a aula não se torna tão produtiva quanto poderia, esvai-se a criatividade e a possibilidade de transformação do mesmo em *saber*, que se dá na busca, por meio da curiosidade e sede em aprender e só é possível quando existe interação entre educador e educando, quando ambos aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

Para aprender é indispensável que haja um clima e um ambiente adequados, constituídos por um marco de relações em que predominem a aceitação, a confiança, o respeito mútuo e a sinceridade. A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço. É preciso criar um ambiente seguro e ordenado, que ofereça a todos os alunos a oportunidade de participar, num clima com multiplicidades de interações que promovam a cooperação e a coesão de grupo (ZABALA, 1998, p. 100).

Educador não é apenas aquele/a que faz, fala, ou que tem poder em sala de aula, muito menos o/a aluno/a seria aquele/a meramente receptor/a ou espectador/a, mas ambos são indivíduos/as envolvidos no processo de ensinar e aprender, ávidos/as por conhecer, pesquisando, sendo críticos, argumentando, desenvolvendo-se cada vez mais junto aos que estão a sua volta, sejam estes/as outros/as professores/as ou alunos/as.

Para isso, cabe que o/a educador/a tenha *autoridade*. E é sobre este e outros aspectos da prática do/a educador/a que trataremos a seguir.

3. ASPECTOS DA PRÁTICA E INTERAÇÃO ENTRE EDUCADOR/A E EDUCANDO/A

3.1 A AUTORIDADE DO/A EDUCADOR/A

Sabemos que há aspectos inerentes à prática pedagógica do/a educador/a e seu processo de interação com os/as educandos/as, um destes é a *autoridade*. Aqui não trataremos da questão da autoridade que muitos/as educadores/as confundem com autoritarismo e terminam por manter a disciplina e realização das atividades por via do medo que passa aos educandos e às educandas de sua turma.

Quando o/a educador/a é autoritário e dominador, não permite que os alunos se manifestem, participem aprendam por si mesmos. Esse tipo de professor considera-se o dono do saber e procura transmitir esse saber aos alunos, que deverão permanecer passivos a receber o que seu/sua professor/a lhes repassa e exige nas avaliações. Essa situação é prejudicial à aprendizagem, pois, cria a passividade e a dependência, não permitindo que os/as educandos/as desenvolvam-se autonomamente, aprendendo a decidir por conta própria, a reconhecer problemas e contribuir espontaneamente com a solução dos mesmos.

Cabe ao educador desenvolver habilidades ao utilizar de sua autoridade de professor em sala de aula. Do contrário, construir a autoridade cobrando obediência, impondo suas vontades, fará com que o/a educador/a obtenha por parte dos/as alunos/as um respeito unilateral, baseado no medo das punições. O/a educador/a que mantém relações baseadas no respeito mútuo obterá autoridade por

competência, além de nutrir nos seus alunos um clima de afetividade, respeito e confiança. São fatores como estes que garantem uma boa relação pedagógica, fundamentando uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem.

Muitas das dificuldades que surgem no processo de aprendizagem, como alunos/as distraídos/as, rebeldes, que não conseguem aprender, entre outros, são reflexos da falta de liberdade em aprender, em vista do autoritarismo do/a educador/a. Ninguém se sente bem quando é obrigado a ler um texto, a ouvir uma aula que não lhe interessa naquele momento, a realizar um trabalho que não gosta, a ficar sentado horas seguidas sem se mexer. Nessas circunstâncias, o que é feito com má vontade não produz aprendizagem e muito menos realização. Ao contrário, a pressão exercida sobre os/as educandos/as e a imposição de atividades desinteressantes só pode levar à frustração e à revolta.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime de sua dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2009, p. 25).

Um/a educando/a motivado a aprender interessa-se pelo que faz, confia em sua própria capacidade, participa da aula com mais dedicação, produz mais e consegue alcançar seus objetivos. O trabalho em liberdade gera alegria e satisfação para quem o faz e resulta em realização pessoal e atitudes positivas em relação aos outros. Se o professor deseja promover um clima de liberdade em sala de aula, é necessário que cultive algumas qualidades como: *autenticidade, confiança, aceitação e compreensão empática*.

O/a educador/a contribuirá muito para a aprendizagem se, se envolver pessoalmente com seus educandos/as. Isto é: o/a educador/a pode mostrar-se interessado/a ou não nos/as educandos/as numa certa aula, satisfeito/a ou insatisfeito/a com o trabalho destes/as. Porém, quando o/a educador/a é autêntico em relação a seus/suas alunos/as, manifesta seus sentimentos, e mostra-se aberto ao diálogo e às sugestões, chega mais facilmente a seus objetivos: *a aprendizagem e a realização pessoal*, e, por sua vez, os/as educandos/as mostram-se

compreensivos em relação aos sentimentos do/a educador/a, respeitam esses sentimentos e, sentindo-se valorizados e livres para trabalhar, colaboram para que os objetivos da aula sejam atingidos.

3.2 A REALIDADE DOS/AS EDUCANDOS/AS

Devemos usar a realidade do/a educando/a, trazê-la para sala de aula, relacionando-a aos conteúdos. Certamente isto fará com que aprendam de maneira rica e produtiva, gerando um aprendizado de maior qualidade.

Se os/as educandos/as puderem falar e discutir o que lhes interessa e os problemas que vivem, a partir desses dados, o/a educador/a poderá desenvolver as atividades escolares. Então situações como: acidentes, filmes, brigas familiares, assaltos, buracos na rua, a chuva constante e as enchentes, a pobreza, são apenas alguns assuntos que demandariam em ricas discussões sobre cidadania, deveres, obrigações, que passariam a interessar aos educandos e que se tornariam o ponto de partida de aulas de Geografia, Matemática, Ciências, História entre outras matérias. Quando a aprendizagem parte dos problemas reais que eles/as vivenciam, certamente vai ter efeito sobre o comportamento, empenho e interesse diário em aprender.

Para que o educador possa trabalhar melhor essa realidade também é preciso um espaço saudável e condições favoráveis. Muitas vezes o local em que se encontra com os/as alunos/as é desfavorável, não oferece espaço suficiente, não tem as mínimas condições higiênicas, luminosidade, e isso não possibilita que as aulas sejam satisfatórias como deveriam.

De acordo com Paulo Freire (2008) o educador que pensa certo e exerce a prática de interagir tem a tarefa de desafiar o educando a compreender o que está sendo comunicado. Ou seja, o aluno que compreende o que foi estudado, tem mais facilidade de entender e absorver melhor o conteúdo.

Rubem Alves (2005, p.19) “afirma que a mente só guarda e opera conhecimentos de dois tipos: (1) os conhecimentos que dão prazer e (2) os conhecimentos instrumentais que podem ser usados como ferramentas.”

Quando o/a educando/a sente prazer no que aprende fica muito mais fácil assimilar o que fora ensinado, diferente de quando o ensino é monótono e sem

significado para este/a, forçando-o/a a aprender algo apenas por que deve e não porque lhe traz sentido à vida. Rubem Alves (2005) questiona qual o tipo de inteligência deve ser cultivado nas escolas e nos propõe que devemos cultivar nos/as alunos/as a curiosidade em descobrir mais e mais, o hábito de pesquisar formas de aperfeiçoar seus conhecimentos, para que juntos, professores e alunos, possam fazer com o ambiente em sala de aula ou fora dela seja mais proveitoso.

É preciso deixar em cada um a marca de educadores que sempre os incentivaram por essa busca do querer aprender e aperfeiçoar mais os seus conhecimentos para que no futuro estes/as educandos/as possam progredir nos estudos e na vida pessoal.

E para que o/a educador/a saiba lidar a partir da realidade dos seus/suas educandos/as é preciso investir em formação.

3.3 A FORMAÇÃO DO/A EDUCADOR/A

Sabemos que ao educador cabe esforço e dedicação. Mas é bom lembrar esse aspecto e a necessidade de investir na formação contínua. O/a educador/a tem que estudar, levar a sério sua demanda profissional e as condições que lhes são próprias, do contrário não terá condições de coordenar sua turma e muito menos terá como desenvolver suas atividades junto aos educandos. O professor deve estudar o conteúdo a ser dado e ter segurança do que vai ensinar, assim ele/ela passa aos/as educandos/as o que lhe compete na função e faz com que as aulas alcancem os resultados esperados.

Para muitos professores, ser bem sucedido é conseguir alcançar seus objetivos, para outros, é a coragem de renovar-se para continuar a luta do dia seguinte. Porém, estar sintonizado com a realidade do aluno, ser dinâmico, flexível e companheiro, transformar o "ter que aprender" em "querer saber" é ser um educador bem sucedido.

O/a educador/a deve fazer perguntas e estimular os alunos fazendo com que eles reflitam sobre a pergunta, mostrando o que quer com aquela pergunta. Não só dá a aula pensando em seguir um plano de aula e só passando os conteúdos programados, mas uma aula que faça o aluno trabalhar a sua curiosidade e compreensão.

Assim sendo, professor e aluno são beneficiados, pois, o planejamento representa as decisões sobre a concretização do dia-a-dia em sala de aula e o professor como mediador do conhecimento destaca-se como um guia para o aluno, permitindo que o mesmo crie o seu próprio raciocínio, troque idéias e seja consciente e crítico. Sabemos que o modo de ser do/a educador/a pode interferir positiva ou negativamente na vida dos/as seus/suas educandos/as, e inclusive contribuir na forma destes/as perceberem o mundo ao seu redor, além de direcionar seu agir e tomada de decisões.

Para Haydt (2006), a construção do conhecimento é um processo interpessoal. Onde o ponto principal seria a relação educador-educando. Nessa relação o aluno assimila e constrói conhecimentos, crenças, adquire hábitos, além de ampliar suas estruturas mentais. O/a próprio educador/a termina por ser atingido nessa relação, pois aprende com o aluno a medida em que este compreende o mundo e quais os valores que traz do ambiente familiar e pessoal para escola.

E para que haja essa construção do conhecimento, a relação professor aluno tem que ter como base o diálogo.

3.4 O DIÁLOGO E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INTERAÇÃO EDUCADOR X EDUCANDO

O diálogo é de suma importância para a interação professor-aluno. Segundo Freire (2008), somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo, sem esse diálogo, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. É preciso haver diálogo para que juntos educador-educando aprendam e ensinem ao mesmo tempo.

O/a educador/a que põe em prática o diálogo, precisa se colocar no lugar de quem não sabe tudo, assim o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. Não cabe ao professor se preocupar somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também, com o processo de construção da cidadania do aluno e para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é o de facilitar a aprendizagem, e estar aberto às novas experiências,

procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos para tentar levá-los à autorealização.

É preciso compreender que os primeiros contatos da criança se dão junto à família, aos amigos e à sociedade. Essa interação com o meio do qual passou a fazer parte assim que nasceu, aliada aos elementos que a cercam no seu dia-a-dia, são elementos de forte presença na constituição do seu caráter e personalidade.

Assim também as relações afetivas que o/a educando/a estabelece com os colegas e professores são de grande valor na educação, haja visto que a afetividade constitui a base relacional da pessoa em sua vida, tornando-se indispensável para a aprendizagem já que é através dessa, em sua manifestação como diálogo, que os/as educandos/as assimilam conhecimentos e desenvolvem bons hábitos de convívio social.

É preciso levar em consideração os aspectos emocionais e propiciar para a turma uma boa relação dialógica desde o início. Devemos expor nossas idéias, ouvir os comentários da turma, o que eles esperam do professor e das aulas, tornar o ambiente agradável. Dentro da sala de aula a interação se dá por meio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno. Segundo Haydt (2006, p. 55):

A interação social se processa por meio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno. É no contexto da sala de aula, no convívio diário com o professor e com os colegas, que o aluno vai paulatinamente exercitando hábitos, desenvolvendo atitudes, assimilando valores.

Se o clima da sala de aula é agradável esse aprendizado será muito melhor, e todo esse cuidado deve ser firmado desde o primeiro dia de aula. As expectativas, os medos e o bom relacionamento da classe dependem muito dos primeiros dias de aula. Para Georges Gusdorf (2003, p.1),

Cada um de nós preserva imagens inesquecíveis do início da vida escolar e da lenta odisséia pedagógica a que se deve o desenvolvimento do nosso pensamento e, em grande parte, a formação da nossa personalidade.

Nesse sentido, podemos constatar que os conteúdos assimilados podem ser esquecidos, porém o clima das aulas, as conversas, as brincadeiras e as ideias expressas pelo professor e pelos colegas tendem a marcar intensamente a

personalidade do aluno e a influenciar no seu desenvolvimento, no período de estudos da referida disciplina, bem como para além deste. E nesse convívio se estabelece a afetividade.

O/a educador/a passa a interagir na vida de seus/suas educandos/as, deixa uma lembrança para sempre em suas vidas e essa interação faz com que o processo de aprendizagem se desenvolva muito mais.

Acerca disso Haydt (2006, p. 57) afirma que:

No processo de construção do conhecimento, o valor pedagógico da interação humana é ainda mais evidente, pois é por intermédio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno que o conhecimento vai sendo coletivamente construído.

Se o/a educador/a interage com seus/suas educandos/as, ele/a tem a oportunidade de transmitir conhecimentos, mas também assimilar conhecimento através do que os/as educandos/as passam nas trocas de idéias, opiniões, experiências, na troca de saberes, no processo de construção do conhecimento. O/a educador/a não apenas transmite conhecimentos em forma de informações, ele/ela também facilita as ideias, incentiva a construção de outras, auxilia na formação do indivíduo como ser ativo na sociedade, através da disseminação de crenças e valores.

Percebemos então, que há uma grande contribuição na formação da personalidade dos/as educandos/as por parte do/a educador/a. Por isso lecionar é um ato de compromisso tão sério e significativo para os que dele participam.

Para Haydt (2006) o professor possui duas funções importantes na sua dinâmica relacional com o aluno:

- uma função incentivadora e energizante, pois ele deve aproveitar a curiosidade natural do educando para despertar o seu interesse e mobilizar seus esquemas cognitivos (esquemas operativos de pensamento);
- uma função orientadora, pois deve orientar o esforço do aluno para aprender, ajudando-o a construir seu próprio conhecimento. (HAYDT, 2006, p.57)

Importa perceber que o/a educador/a tem a função de organizar os saberes que seus/suas educandos/as já possuem, estimulando, incentivando, mostrando as possíveis falhas e apontando a novas aprendizagens.

As funções acima citadas são de fundamental importância para mostrar alternativas para os alunos de que sempre é possível progredir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos a pensar na construção do conhecimento como algo individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do/a educador/a consiste em agir como intermediário entre os conteúdos e a aprendizagem, que deve se dá por meio de uma atividade construtiva para assimilação.

Segundo Pedro Morales (2004, pág. 43), “[...] se nossos alunos já são bons, sempre podem ser melhores [...]; com frequência haverá alunos não tão bons, que necessitam de mais ajuda, de motivação, ganhar confiança em si mesmos [...]”.

Podemos fazer com que esses alunos que já são bons se tornem cada vez melhores, mas é obrigação nossa enquanto educadores/as, motivar os aparentemente ‘não tão bons’, fazendo com que confiem em si mesmos/as e possam se desenvolver melhor não somente no espaço da sala de aula.

Os/as educandos/as devem se sentir num ambiente agradável, porém sabendo que devem estudar e que alguma matéria pode exigir mais deles/as que outra, mas não devem se sentir tensos, com medo de errar, devem sentir-se livres para aprenderem a partir de seus erros.

Não basta apenas o/a educador/a fazer algo, é necessário que o/a educando/a perceba o interesse dele/a para consigo, o que ajuda muito na dedicação e esforço aos estudos e faz com que os/as educandos/as melhorem o próprio aprendizado.

Na maioria das vezes nos dedicamos e damos mais atenção somente àqueles/as educandos/as que já são esforçados e que se mostram interessados em aprender, quando estão em sala de aula. Então, terminamos por esquecer os/as que não se dedicam tanto, fazendo até comentários que por vezes, os/as deixam ainda mais desmotivados. As atitudes que temos com uns e deixamos de ter com os outros pode fazer com que os/as alunos/as que, por alguma razão, menos se esforçam se sintam despercebidos. Não podemos dividi-los/as em bons/boas e maus/más alunos/as, pois alguns só precisam de mais atenção e isso depende de estarmos abertos a perceber e de nos aproximarmos.

Por outro lado, a dedicação do alunado também reflete na motivação e interesse do/a educador/a. A influência é mútua, logo, se a turma não está correspondendo, é possível que o/a educador/a se sinta sem forças para dedicar-se às suas atividades. Não obstante a isso, é preciso que o/a educador/a reconheça que ele/a é o/a maior incentivador/a nesse momento. Ou seja, o bom clima de sala de aula tem que partir dele/a. É preciso superar o desinteresse de alguns e fazer com que as aulas sejam sempre produtivas e agradáveis fazendo com que o clima em sala de aula seja favorável ao aprendizado.

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e os deles/as.

Cabe ao/a educador/a apoiar o seu alunado, permitindo que se sinta seguro, confiante, estimulando o seu pensar e agir em sala de aula. É preciso que este/a perceba a importância de sua função pedagógica junto aos/as educandos/as, respeitando as limitações que possam ter, favorecendo uma relação baseada no respeito mútuo, proporcionando um ambiente escolar favorável a uma aprendizagem significativa. É isto que diferencia educadores e “educadores”.

E nesse aspecto concordamos com Freire quando diz “o professor deve estar atento à responsabilidade de sua presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora” (FREIRE, 2008, p. 70).

5. REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubens. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 9ª edição. Papyrus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 39ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê:** para uma pedagogia da pedagogia. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral.** 8ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno o que é, como se faz.** 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.